

Proposta de reformulação da caracterização dialetal do noroeste português

Fernando Brissos

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Portugal)
fernando.brissos@gmail.com

Recibido 8/09/2016. Aceptado 15/05/2017

A proposal to reformulate the dialectal characterization of the northwest of Portugal

Resumo

Brissos / Rodrigues (2016) apresentam dados acústicos que sugerem a reformulação, em vários aspetos fundamentais, da imagem que nos tem sido legada sobre uma das variedades dialetais mais idiossincráticas do português: a *variedade do Baixo Minho e Douro Litoral* da proposta de classificação dos dialetos portugueses de Cintra (1983). Para se poder rever aquela imagem, os dados de Brissos / Rodrigues necessitam, porém, de ser testados à luz do confronto com uma rede densa de inquéritos. Levamos a cabo esse confronto neste artigo, chegando a uma proposta de reformulação da variedade dialetal do noroeste português assente em três pilares: a área da variedade é muito mais estendida do que é referido tradicionalmente; o traço identificador da variedade, a ditongação de vogais tónicas, deixa apenas de fora as vogais cardinais; existe ditongação não apenas com semivogais altas mas também com semivogais não-altas centrais. Daí resulta a primeira revisão concreta da proposta de Cintra, procedimento que defendemos ser importante introduzir nos estudos dialetais do português. Desse novo quadro resulta, por sua vez, um novo posicionamento de algumas questões essenciais de história e fonética/fonologia da língua portuguesa.

Palavras-chave

Dialetologia percetiva/tradicional, dialetologia acústica, ditongação de vogais tónicas, classificação dos dialetos portugueses, variedade do noroeste português

Sumário

1. Introdução. 2. O que há a rever na caracterização do noroeste dialetal português. 2.1. A ditongação não existe apenas nas vogais médias-fechadas. 2.2. A ditongação das vogais médias divide-se em dois subtipos. 2.3. A região mais setentrional do noroeste não fica fora da variedade. 3. Síntese: proposta de reformulação da caracterização do noroeste dialetal português.

Abstract

Brissos / Rodrigues (2016) have presented acoustic data supporting the redesign, in several fundamental respects, of the current idea of one of the most distinctive dialects of European Portuguese: the *variedade do* ([dialectal] variety of) *Baixo Minho e Douro Litoral*, as identified by Cintra's (1983) classification of Portuguese dialects. In order to carry out that reformulation, Brissos / Rodrigues' data must be tested against an extensive network of inquiry points. The present paper takes on that test and arrives at a proposal for a restatement of the dialect's characterization based on three basic premises: (i) its area is much larger than was traditionally assumed; (ii) its identifying linguistic feature – the diphthongization of stressed vowels – only leaves out cardinal vowels; and (iii) there is diphthongization not only with high semivowels but with non-high central semivowels as well. The outcome of the study is the first substantial revision of Cintra's classification, which we claim ought to be incorporated into the literature on Portuguese dialectology. The proposed revision is in turn suggestive of a new approach to some important issues in the history and phonetics/phonology of Portuguese.

Keywords

Auditory/traditional dialectology, acoustic dialectology, diphthongization of stressed vowels, classification of Portuguese dialects, dialect of northwestern Portugal

Contents

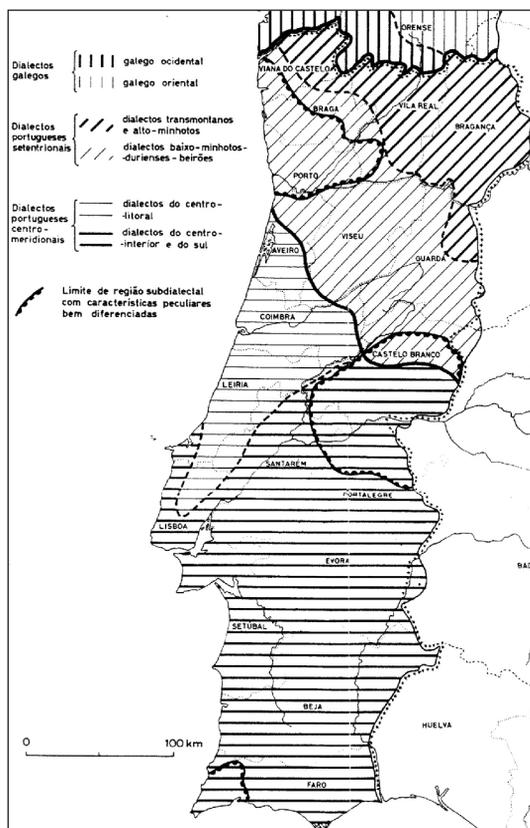
1. Introduction. 2. What needs to be revised in the dialectal characterization of northwestern Portugal. 2.1. Diphthongization is not restricted to close-mid vowels. 2.2. The diphthongization of mid vowels is divided into two subtypes. 2.3. The northernmost area of northwest Portugal is not excluded from the dialect. 3. Synthesis: a proposal to reformulate the dialectal characterization of the northwest of Portugal.

1. INTRODUÇÃO¹

Existe no noroeste de Portugal continental uma variedade dialetal muito idiossincrática, que Cintra (1983: 153) caracterizou do seguinte modo:

A forte personalidade linguística [...] da região do Baixo Minho e Douro Litoral (que tem como centro urbano mais importante o Porto) aconselha a que [...] a isolemos, embora dentro do grupo *baixo-minhoto-duriense-beirão* [NB: o “conjunto” dialetal a que a variedade pertence, “se tivermos em conta os traços fundamentais” (pág. 152) que caracterizam transversalmente os dialetos portugueses] como zona bem individualizada, tomando como base para esse isolamento, por exemplo, a ditongação, tão caracterizadora, das vogais tónicas fechadas [e] em [je], [o] em [yo] (por vezes [ye]). Poderemos chamar-lhe a *variedade do Baixo Minho e Douro Litoral*. O mapa [apresentado pelo autor, que reproduzimos adiante como mapa 1] procura delimitá-la em traços gerais (apesar da insuficiência, em casos como este, dos materiais [utilizados pelo autor] para uma delimitação rigorosa) [...].

A fonética da *variedade do Baixo Minho e Douro Litoral* confere-lhe, por isso, um destaque evidente no sistema dialetal português, ao ponto de formar uma das três únicas *regiões sub-dialetais com características peculiares bem diferenciadas* identificadas na classificação dos dialetos portugueses de Cintra (cf. mapa 1)².



Mapa 1. Classificação dos dialetos portugueses segundo Cintra (1983)

¹ A notação fonética utilizada neste trabalho segue o sistema de convenções do IPA – International Phonetic Alphabet, versão revista de 2005.

² Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, fazendo uso da mesma classificação, o autor enfatizaria esse destaque: “Merecem menção especial [dentro dos grandes grupos dialetais] — mesmo numa apresentação panorâmica dos dialetos portugueses — três regiões em que, a par dos traços gerais que acabamos de apontar, aparecem características fonéticas peculiares que afastam muito vincadamente os dialetos nelas falados de todos os outros do mesmo grupo” (Cunha / Cintra, 1984: 17; Cintra foi o responsável pela redação do capítulo dialetal da obra, como se declara a p. XV da mesma).

A classificação dos dialetos portugueses de Cintra (1983) foi utilizada de forma praticamente unânime desde a sua publicação, pelo que o quadro que o autor nos legou sobre o noroeste português não sofreu alterações significativas. Assim está que Segura (2013: 98-99), o estudo de conjunto dos dialetos portugueses mais recente e completo (e que, como não deixa de declarar, se insere no paradigma da “Nova Proposta”), refere, em pleno seguimento de Cintra:

[...] dentro dos dialetos setentrionais, mais propriamente do grupo baixo-minhoto-duriense-beirão, destaca-se a região do Baixo Minho e Douro Litoral, que tem a cidade do Porto como centro urbano mais importante. O traço característico desta variedade é a formação dos ditongos crescentes [je] e [ɥo] ou [ɥe] (diferenciação de [ɥo]) a corresponder às vogais acentuadas [e] e [o] [...].

Em Segura, contudo, é explícita a base da delimitação e caracterização da variedade: apenas um traço, a ditongação das vogais médias-fechadas tónicas. Em todo o caso, já na *Nova Gramática* a formulação não deixava dúvidas: no noroeste português há “uma região [dialeto destacada do conjunto] em que se observa regularmente a ditongação de [e] e [o] acentuados: *pjeso* por *peso*, *pworto* por *porto*. Abrange uma grande parte do Minho e do Douro Litoral (incluindo o falar popular da cidade do Porto e dos seus arredores)” (Cunha / Cintra, 1984: 17).

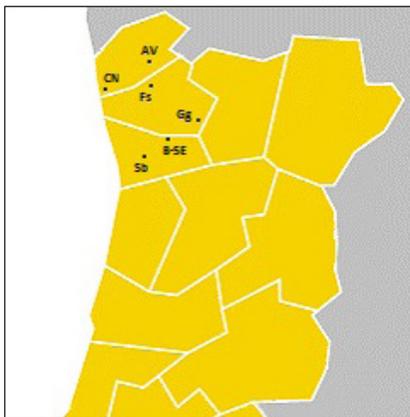
Para a era pré-Cintra, não dispomos de classificações dialetais com o mesmo nível de rigor e, simultaneamente, a mesma preocupação de simplificação de um quadro que, apesar da uniformidade linguística por que o português europeu continental é conhecido, se pode apresentar complexo. As propostas de Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1893/1929; Vasconcelos, [1901] 1970), apesar de assentes numa apurada descrição linguística constituída a partir de um extenso *corpus* que foi recolhido no terreno, têm um pendor quase exclusivamente geográfico; a de Manuel Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva (Boléo / Silva, 1974), em sentido contrário, depende de um *corpus* dialetal insuficiente; e a de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (Vázquez Cuesta / Luz, [1971] 1980: 52 ss.), para além de também apresentar um problema de *corpus* (depende fundamentalmente dos dados publicados pelos estudos dialetais avulsos prévios), define apenas, no português continental, três áreas macrodialetais (norte, centro e sul) que assentam em aspetos mais geográficos do que linguísticos. Para a crítica a essas propostas, remetemos para Cintra (1983: 122-139), cujas palavras, acrescidas das precisões indicadas por Brissos (2012: 15, n. 2), ainda permanecem definitivas.

Mas, se é a melhor visão de conjunto do sistema dialetal português, a classificação de Cintra não deixa de ser passível de melhorias ou reformulações. No caso que aqui nos interessa, os dados recentes do Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português (AVOC) sugerem a reformulação da caracterização do noroeste dialetal português a partir de três aspetos fundamentais (Brissos / Rodrigues, 2016):

- a. as ditongações do noroeste verificam-se não só nas vogais médias-fechadas ([e o]), mas também nas médias-abertas ([ɛ ɔ]); e.g. [ˈpʲɛ] ‘pé’, [ˈtʲɔki] ‘toque’) e, em menor grau, na alta anterior ([i]); e.g. [mɛˈkɛjɛ] ‘maquia’);
- b. as ditongações das vogais médias do noroeste dividem-se em dois subtipos, e não em apenas um; esses subtipos são (i) a ditongação dentro do eixo articulatório da vogal, anterior (tipicamente [jɛ jɛ], como [fɛˈzjɛr] ‘fazer’, [ˈpʲɛ] ‘pé’) ou posterior ([ɥo ɥo], como [ˈpʲɥortu] ‘Porto’, [ˈtʲɥoki] ‘toque’), e (ii) a ditongação em direção ao eixo central, sendo anterior → central ([ɛɐ ɛɐ] ou realizações próximas, e.g. [fɛˈzɛɐr] ‘fazer’, [ˈpɛɐ] ‘pé’) ou posterior → central ([ɔɐ ɔɐ], e.g. [ˈpɔɐrtu] ‘Porto’, [ˈtɔɐki] ‘toque’). A ditongação de [i] tem como resultado [eɪ] (ou, em notação fonética estreita, [ɛi]);
- c. a região mais setentrional do noroeste não fica fora da variedade.

Sobre a metodologia do AVOC (procedimentos empregados na recolha e tratamento dos dados, sua justificação), vejam-se Brissos (2014) (artigo escrito quando o AVOC ainda não se assumia como projeto autónomo, mas cuja descrição metodológica é totalmente válida), Brissos / Rodrigues (2016) e a página *web* do projeto (citada adiante em Referências Bibliográficas). Aqui, lembraremos os seguintes aspetos: (i) o AVOC utiliza os materiais do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), que foram recolhidos entre o princípio da década de 1970’ e o final da de 1990’ (veja-se mais sobre o ALEPG, o projeto de atlas linguístico nacional de

Portugal, em: Saramago, 2006; Gottschalk, 1977; ALEPG, 1974); (ii) o perfil de informante utilizado é portanto o típico da dialetologia europeia, encaixando na designação tradicional NORM = *non-mobile, old rural male*³; (iii) a rede de pontos de inquérito do AVOC respeitante ao noroeste português (o tradicionalmente designado Entre-Douro-e-Minho, i.e. *grosso modo* os distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto) está indicada no mapa 2. Os dados acústicos relativos a essa área que interessam para o presente trabalho são apresentados no Anexo e encontram-se inventariados e discutidos de forma pormenorizada em Brissos / Rodrigues (2016).



Mapa 2. Rede de pontos de inquérito do AVOC no noroeste do país

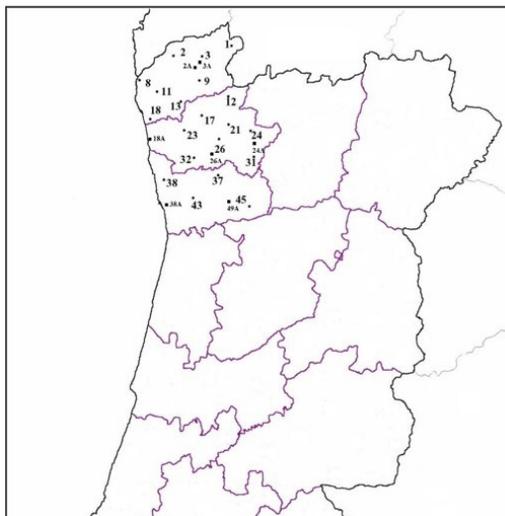
Legenda: AV – Arcos de Valdevez; CN – Castelo de Neiva; Fs – Fiscal; Gg – Gagos; B-SE – Barrosas-Santo Estêvão; Sb – Sobrado.

Como se pode perceber, as teses proporcionadas pelos dados do AVOC necessitam do confronto com uma rede de inquéritos densa. Colaremos por isso, no presente trabalho, os dados do AVOC com os de toda a rede do ALEPG e do Atlas Linguarum Europae (ALE)⁴ respeitantes ao noroeste do país (mapa 3), testando aquelas teses e apresentando dados quantitativos e qualitativos que permitem de facto recharacterizar e redefinir a variedade dialetal do noroeste. Essa colação é feita a partir da base de dados informatizada do ALEPG, onde se podem consultar metodicamente (com a faculdade de recurso a chaves de pesquisa fonéticas) as transcrições de todos os inquéritos tanto do ALEPG como do ALE⁵. O resultado será uma revisão eficaz da visão estabelecida na literatura, pois assentará em dados acústicos/quantitativos e percetivos/qualitativos com uma rede de pontos de inquérito que não só é, em si, densa, como é também, de longe, a rede mais densa de que dispomos para os dialetos portugueses em geral e o noroeste em particular.

³ O ALEPG foge ao tipo NORM em um aspeto: não utiliza apenas informantes masculinos, contando, aliás, com um número significativo de informantes femininas, sobretudo em partes determinadas do questionário linguístico. No AVOC, contudo, uniformizámos o perfil de informante no género masculino devido à falta de dados comparáveis para o género feminino (tanto no caso português como no da maioria dos países, o género de informante privilegiado pelos estudos dialetais — tradicionais, acústicos, etc. — tem sido, muito de longe, o masculino) e às condicionantes puramente práticas explicitadas em Brissos (2014: 69-70).

⁴ O ALE é até hoje o principal projeto de atlas linguístico europeu, estabelecido, desde as suas origens, numa base de trabalho conjunto de investigadores dos vários países componentes do projeto; vejam-se sobre o mesmo a página web portuguesa e página web internacional, que contém ligações para os principais documentos do projeto (ambas citadas em Referências Bibliográficas adiante). Os inquéritos portugueses foram realizados em 1975.

⁵ Embora ainda nem todos os inquéritos do ALEPG estejam já transcritos fonética e ortograficamente, os do noroeste do país já estão não só transcritos, mas também informatizados na base de dados.



Mapa 3. Rede de pontos de inquérito do ALEPG e do ALE no noroeste do país

Legenda (seguidos de A os números de pontos de inquérito pertencentes ao ALE; a numeração dos locais corresponde à numeração do ALEPG, que compreende todo o país e segue o esquema Norte-Sul/Este-Oeste): 1- Castro Laboreiro; 2- Badiá; 2A- Choças; 3- Estrica; 3A- Sobreira; 8- Moledo do Minho; 9- Arcos de Valdevez; 11- S. Lourenço da Montaria; 13- Fornelos; 18- Castelo de Neiva; 18A- Esposende (Braga). 12- S. João do Campo; 17- Fiscal; 21- Soutelo; 23- S. Romão da Ucha; 24- Vila Boa de Bucos; 24A- Cabeceiras de Basto; 26- Gondomar das Taipas; 26A- Guimarães; 31- Gagos; 32- Pousada de Saramagos. 37- Barrosas-Sto Estêvão; 38- Gião; 38A- Porto; 43- Sobrado; 45- Baião; 49A- Marco de Canaveses.

2. O QUE HÁ A REVER NA CARACTERIZAÇÃO DO NOROESTE DIALETAL PORTUGUÊS⁶

Demonstraremos aqui a validade dos três aspetos que citámos na secção 1 como bases para a reformulação da caracterização da variedade idiossincrática do noroeste português. Na secção 3, apresentaremos de forma sintética as consequências que, para efeitos de enquadramento da variedade no sistema dialetal português, há a retirar dessa demonstração.

Estabeleceremos previamente três pontos.

Em primeiro lugar, que o seguinte aspeto central da caracterização da variedade permanecerá inalterado: as ditongações que a identificam não são contextuais, i.e. podem ocorrer em qualquer contexto fonético desde que tónicas. Esse aspeto é consensual na literatura (e.g. Cintra, 1983: 153; Cunha / Cintra, 1984: 17; Ferreira, 1992: 34-35; Ferreira *et al.*, 1996: 495; Ferreira, 1996: 22; Segura / Saramago, 2001: 225; Segura, 2013: 98-99), embora por vezes esteja presente apenas de forma *negativa* (ou seja, depreendemos a independência do fenómeno em relação a contextos fonéticos específicos porque não lhe são indicados quaisquer contextos), — e os nossos dados confirmam-no. Pode citar-se como contexto menos privilegiado a anteposição a consoante palatal (e.g. 'texto', 'velho', 'molho' (com o aberto ou fechado)), mas mesmo aí não é difícil encontrar ditongação.

Em segundo lugar, lembraremos que os dados do AVOC registam, sem margem para dúvidas, fusão das duas vogais anteriores não-altas numa só, /e/, em dois pontos de inquérito: Arcos de Valdevez e Castelo de Neiva (v. Anexo, esp. figuras A e B). Como é referido por Brissos / Rodrigues (2016), este facto sugere uma subdivisão do noroeste que coloque a área mais a norte da região em destaque, pois Arcos de Valdevez e Castelo de Neiva formam uma coerência norte evidente (cf. mapa 2). Aqui não abordaremos essa questão, pois:

⁶ Todos os mapas do AVOC apresentados nesta secção remetem diretamente para os dados inventariados no Anexo; os mapas do ALEPG/ALE remetem para as transcrições fonéticas dos inquéritos utilizados, ainda não publicadas mas completas e consultáveis na base de dados informatizada do ALEPG (cf. *supra*).

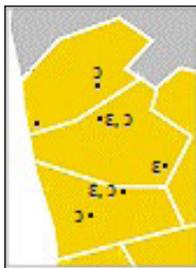
- i. não interessa para a caracterização da variedade idiosincrática do noroeste em si, apenas para uma sua (eventual) subdivisão;
- ii. subdivisão essa que pode depender de uma área mais estendida de fusão de *e*'s, dado que já tem sido notada fusão não só de *e*'s como de *o*'s em áreas perto da fronteira (e.g. Vasconcelos, 1970: 79 e 82). Temos aqui, portanto, uma questão que excede a variedade do noroeste e necessita de ser abordada com base em materiais acústicos de outras zonas do país, de que ainda não dispomos;
- iii. o confronto entre dados acústicos e perceptivos é, a este respeito, especialmente complexo. De facto, distinguir entre [e] e [ɛ], duas vogais médias, quando existe oscilação de timbre entre elas pode causar frequentes hesitações e dúvidas de transcrição; é em casos como este que os dados acústicos, que se convertem em valores numéricos (= valores Hz), são mais úteis.

Por último, precisaremos que não nos vamos ocupar da delimitação das fronteiras da variedade do noroeste, pois ela excede ligeiramente a área que estudamos neste trabalho e, por outro lado, a definição de fronteiras exatas é, como se sabe, cada vez menos um trabalho importante em dialetologia. O nosso propósito, referimo-lo mais uma vez, é proceder a uma reformulação robusta e tão definitiva quanto possível da forma como essa variedade é caracterizada no sistema dialetal português. Questões de pormenor, como a definição de eventuais subdivisões ou de fronteiras exatas, são estudos de outro âmbito.

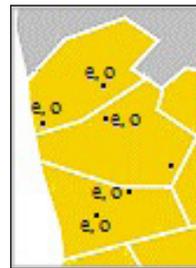
2.1. A ditongação não existe apenas nas vogais médias-fechadas

A formulação inteira do facto a considerar aqui é a seguinte (relembrando a secção 1): as ditongações do noroeste verificam-se não só nas vogais médias-fechadas ([e o]), mas também nas médias-abertas ([ɛ ɔ]; e.g. [ˈpɪɛ] 'pé', [ˈtʰɔki] 'toque') e, em menor grau, na alta anterior ([i]; e.g. [mɛˈkɛjɛ] 'maquia').

Os mapas 4-1 e 4-2 mostram os pontos do AVOC em que foi registada RD1, i.e. o subtipo de ditongação em que o início e o fim do ditongo permanecem no eixo articulatório da vogal (tal como é explicado na secção 1 e no Anexo; veremos esse facto ao pormenor em 2.2. a seguir); o subtipo de ditongação, portanto, que a literatura normalmente considera ser o único ocorrente no noroeste.



Mapa 4-1. AVOC: RD1 nas vogais médias-abertas no noroeste

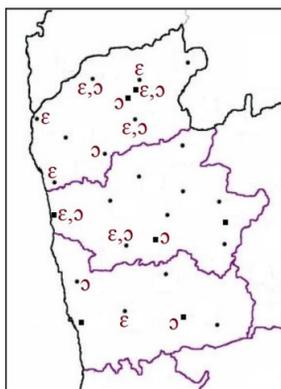


Mapa 4-2. AVOC: RD1 nas vogais médias-fechadas no noroeste

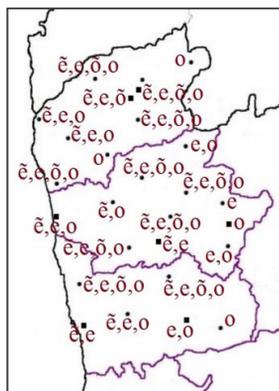
São patentes nos mapas dois pontos: em primeiro lugar, que a ocorrência de ditongação nas vogais médias-abertas tem boa presença na região considerada (apenas um ponto de inquérito não tem o fenómeno)⁷; em segundo lugar, que a ocorrência de ditongação nas médias-fechadas tem maior presença na região, o que talvez ajude a explicar porque apenas se tem identificado essa ditongação aí. Os mapas 5-1 e 5-2, que indicam os pontos de inquérito do ALEPG e do ALE com casos de RD1 registados, comprovam na plenitude esses dois pontos⁸.

⁷ Devendo ter-se presente que nos pontos de inquérito do distrito de Viana do Castelo o fenómeno não poderia ocorrer na vogal anterior média-aberta, pois nesses locais esta vogal não existe.

⁸ Na leitura dos mapas 5, e de todos os mapas do ALEPG/ALE que se seguirão, há a ter em conta que foram consideradas não só as vogais orais como também as nasais, o que é uma diferença para com o AVOC.



Mapa 5-1. ALEPG/ALE: RD1 nas vogais médias-abertas no noroeste



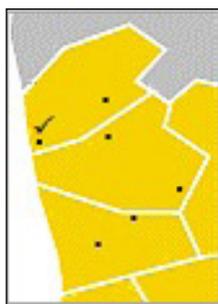
Mapa 5-2. ALEPG/ALE: RD1 nas vogais médias-fechadas no noroeste

Torna-se portanto evidente que, mesmo sendo menos ocorrente do que a ditongação nas vogais médias-fechadas, a ditongação das médias-abertas tem uma presença no noroeste do país que deve forçosamente ser considerada na caracterização da variedade respetiva.

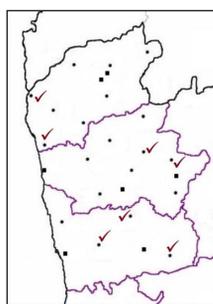
Em caso diferente está a ditongação da vogal alta anterior, pois:

- i. ocorre em poucos pontos da região (ver mapas 6 e 7);
- ii. tem uma percentagem reduzida de ocorrência: 19% nos dados do AVOC (contrastando muito claramente com a percentagem de 54% de ditongação das vogais médias no ponto de inquérito em questão, Castelo de Neiva: cf. Brissos / Rodrigues, 2016: 16, quadro 7) e sempre menos de 5% nos dados do ALEPG/ALE (< 5% que, aliás, não correspondem em nenhum caso a mais de 3 ocorrências indiscutíveis⁹);
- iii. é um fenómeno sobretudo contextual, restrito quase sempre a ocorrência antes de pausa ou vogal; e.g. “ali”, “maquia”, “assobia” (no AVOC, apenas foi registado um exemplo fora desse contexto, “antiga”).

Não deixa contudo de ficar demonstrada a existência de ditongação de /i/ no noroeste (cf. a esse respeito também a figura B do Anexo). A qualidade desse ditongo é, de acordo com os dados acústicos, [eɨ] ou, utilizando uma notação fonética estreita, [e̞i]. Nos materiais do ALEPG/ALE, que não utilizam a notação do Alfabeto Fonético Internacional, a correspondência entre as transcrições e os dados do AVOC é, mesmo assim, praticamente total (apenas em um ponto de inquérito, Moledo do Minho, se encontra uma notação que foge a esse tipo: [iij]).



Mapa 6. AVOC: ditongação de /i/ no noroeste



Mapa 7. ALEPG/ALE: ditongação de /i/ no noroeste

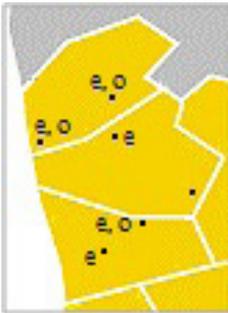
⁹ Ocorrências *indiscutíveis* porque estamos a falar de dados de base perceptiva, i.e. transcrições fonéticas, com as inevitáveis hesitações e dúvidas.

2.2. A ditongação das vogais médias divide-se em dois subtipos

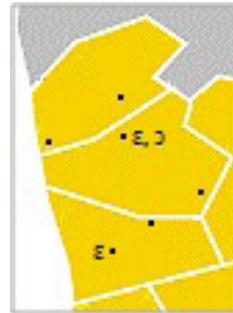
Esses subtipos são: (i) a ditongação dentro do eixo articulatório da vogal, anterior (tipicamente [i̯e̯ i̯ɛ̯], como [fɐ̯ˈzjɛ̯r] ‘fazer’, [ˈpʲi̯ɛ̯] ‘pé’) ou posterior ([ɰo̯ ɰɔ̯], como [ˈpʰo̯rtu] ‘Porto’, [ˈtʰɔ̯ki] ‘toque’); e (ii) a ditongação em direção ao eixo central, sendo anterior → central ([e̯ɛ̯ e̯ɛ̯] ou realizações próximas, com o segundo elemento do ditongo em direção a *schwa*; e.g. [fɐ̯ˈzɛ̯ɐ̯r] ‘fazer’, [ˈpɛ̯ɛ̯] ‘pé’) ou posterior → central ([o̯ɛ̯ o̯ɛ̯], num paralelo das vogais anteriores; e.g. [ˈpɔ̯ɛ̯rtu] ‘Porto’, [ˈtɔ̯ɛ̯ki] ‘toque’)¹⁰.

A visão estabelecida na literatura, recorde-se, considera apenas a existência do primeiro subtipo de ditongação, com a exceção do caso da vogal média-fechada posterior (Cintra, 1983: 153, passo citado acima; Cunha / Cintra, 1984: 17; Ferreira, 1992: 34-35; Ferreira *et al.*, 1996: 495; Ferreira, 1996: 22; Segura / Saramago, 2001: 225; Segura, 2013: 98-99, passo citado acima). As figuras A-F (Anexo), contudo, demonstram, a partir de dados acústicos, a existência dos dois subtipos de ditongação de modo transversal ao subsistema das vogais médias do noroeste, apenas sendo de destacar a pouca ocorrência do fenómeno na média-aberta posterior.

Os mapas 8-1 e 8-2 (AVOC) e 9-1 e 9-2 (ALEPG/ALE) evidenciam cartograficamente a existência do segundo subtipo na região; a existência do primeiro subtipo está patente nos mapas 4-1 e 4-2 e 5-1 e 5-2.



Mapa 8-1. AVOC: RD2 nas vogais médias-fechadas no noroeste



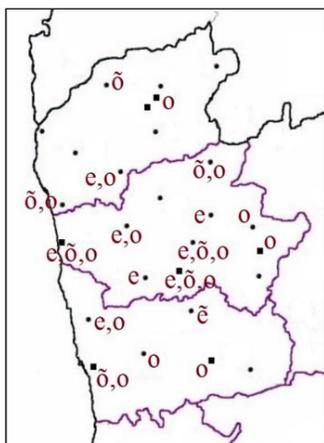
Mapa 8-2. AVOC: RD2 nas vogais médias-abertas no noroeste

¹⁰ Nos dados acústicos não é raro encontrar o segundo elemento do ditongo posicionado na zona de *schwa*, sobretudo no caso das vogais médias-fechadas; nos dados perceptivos, contudo, a notação do tipo [e̯] é largamente dominante, como se pode ver no quadro seguinte:

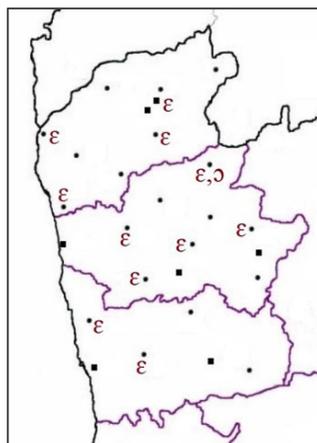
Inventário das notações fonéticas do segundo timbre de RD2 nos dados perceptivos (ALEPG/ALE)				
Vogal do português padrão	Total de RD2 (em número absoluto)	[e̯]/[e̯]/[e̯]/[e̯]	[a]	[i̯]/[i̯]
/ê/	5	40%	0%	60%
/e/	18	88,89%	0%	11,11%
/ɛ/	20	85%	5%	10%
/ɔ/	4	50%	0%	50%
/o/	98	92,86%	3,06%	4,08%
/õ/	16	100%	0%	0%
Total	161	89,44%	2,48%	8,07%

Tanto o valor total de *schwa* (8,07%) como o facto de apenas duas vogais, /ê/ e /ɔ/, passarem os 12% são bem ilustrativos da percepção da segunda qualidade vocálica de RD2 como *a* fechado. A isso se junte o facto de apenas 7 dos 27 inquéritos terem notação de *schwa*, notando-se lateralmente que esses inquéritos pertencem quase todos aos distritos de Viana do Castelo e Braga, ou seja, aos dois terços Norte da região. (São eles: no distrito de Viana do Castelo, Sobreira, Choças e Castelo de Neiva; no distrito de Braga, São Romão da Ucha, Gondomar das Taipas e São João do Campo; no distrito do Porto, Sobrado.)

Tendo em conta (i) o sentido claro dos dados perceptivos, (ii) o facto de que os valores Hz de vogais não têm necessariamente correspondência direta na percepção das qualidades respetivas e (iii) que a notação [e̯] é utilizada, na tradição portuguesa, para representar uma vogal mais fechada do que uma leitura direta do Alfabeto Fonético Internacional supõe, permitimo-nos, feito o *disclaimer*, tomar aqui a notação [e̯] como base de representação da qualidade de RD2, procurando simplificar procedimentos. Mas é claro que um estudo que incida nos valores fonéticos dessa qualidade vocálica terá de apresentar uma visão diferente.



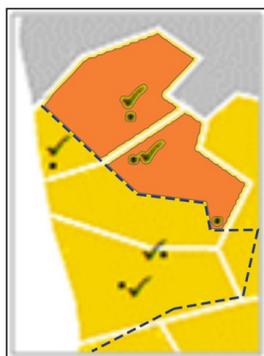
Mapa 9-1. ALEPG/ALE: RD2 nas vogais médias-fechadas no noroeste



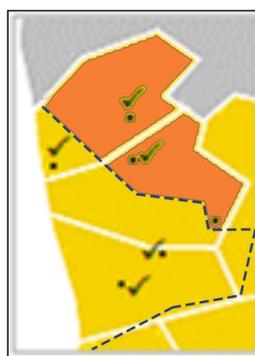
Mapa 9-2. ALEPG/ALE: RD2 nas vogais médias-abertas no noroeste

2.3. A região mais setentrional do noroeste não fica fora da variedade

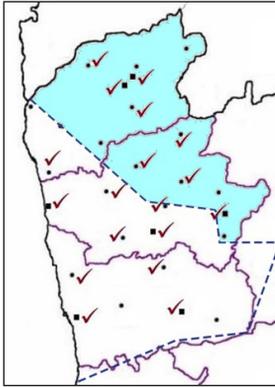
Os mapas 10-1 e 10-2 (AVOC) e 11-1 e 11-2 (ALEPG/ALE) demonstram a proposição. Em cada um deles está indicada com tracejado a isófona definida por Cintra (1983) — e, tenha-se presente, não revista pela literatura subsequente — para a variedade, percebendo-se facilmente a razão de ser da designação *variedade do Baixo Minho e Douro Litoral*. A área que fica para lá dessa isófona está discriminada nos mapas com sombreado.



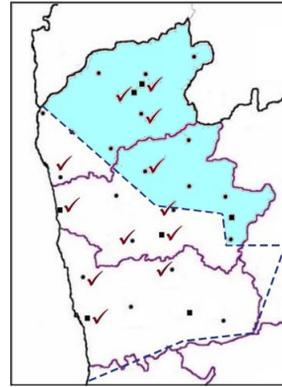
Mapa 10-1. AVOC: Locais do noroeste com > 5% de ditongação em pelo menos uma vogal



Mapa 10-2. AVOC: Locais do noroeste com > 5% de ditongação em pelo menos 50% das vogais tónicas orais



Mapa 11-1. ALEPG/ALE: Locais do noroeste com > 5% de ditongação em pelo menos uma vogal



Mapa 11-2. ALEPG/ALE: Locais do noroeste com > 5% de ditongação em pelo menos 50% das vogais tónicas (orais ou nasais)

3. SÍNTESE: PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DA CARACTERIZAÇÃO DO NOROESTE DIALETAL PORTUGUÊS

Há a retirar uma consequência basilar a partir dos factos que vimos nas secções precedentes: a caracterização que a literatura nos dá da variedade do noroeste português não é suficiente. Não deixa de ser claro, porém, que é no quadro da classificação dos dialetos galego-portugueses de Cintra que nos devemos manter, pois não existe proposta melhor (relembre-se o que dissemos sobre o assunto na secção 1), e não é menos evidente que, como essa classificação defende, existe uma variedade profundamente idiossincrática no noroeste (à falta de outros fenómenos linguísticos, basta a existência das ditongações nas vogais médias tónicas para o demonstrar). Torna-se necessário, no entanto, proceder às seguintes reformulações:

- Existe no noroeste português uma variedade dialetal idiossincrática que inclui não apenas o centro e o sul da região — a *variedade do Baixo Minho e Douro Litoral*, na terminologia da tradição de Cintra — mas também o norte; devemos por isso passar a referir-nos à *variedade do noroeste* (ou designação similar), e alterar em conformidade a cartografia da mesma¹¹.
- Essa variedade é identificada e delimitada pela existência de ditongações nas vogais tónicas médias abertas e fechadas, e não apenas fechadas; o mesmo é dizer que apenas as vogais cardinais se mantêm fonologicamente estáveis no noroeste (tomando como referência, naturalmente, a Norma). A ditongação que se verifica na vogal tónica alta anterior (não referida, de resto, pela literatura) não tem dimensão suficiente para atingir o mesmo estatuto que a ditongação das médias.
- A extensão das ditongações é superior não só no inventário de vogais que as sofrem mas também nos subtipos fonéticos resultantes. Com efeito, as ditongações das vogais médias do noroeste verificam-se não apenas dentro do eixo articulatório da vogal respetiva ([fɐ'zjɛr] 'fazer', [ˈpʲiɛ] 'pé', no eixo anterior; [ˈpʲuɔrtu] 'Porto', [ˈtʲuɔki] 'toque', no eixo posterior) mas também em direção ao eixo central ([fɐ'zɐɣr] 'fazer', [ˈpɐɣ] 'pé', partindo do eixo anterior; [ˈpɔɣrtu] 'Porto', [ˈtɔɣki] 'toque', partindo do eixo posterior).

¹¹ *Variedade do Entre-Douro-e-Minho* seria certamente uma alternativa apelativa para o linguista que gosta de não se desligar da geografia e da tradição da nomenclatura portuguesa, mas a variedade, em rigor, ultrapassa o Douro para Sul, tal como entra em Trás-os-Montes (cf. mapa 1). *Variedade do noroeste* parece-nos assim uma designação mais precisa, até porque também respeita a geografia; de resto, referirmo-nos ao "noroeste" é hoje mais transparente do que nos referirmos ao "Entre-Douro-e-Minho", pois já há muito que foi consagrada a divisão provincial que fragmentou o Entre-Douro-e-Minho em Minho e Douro Litoral.

Temos assim a primeira revisão concreta da “Nova Proposta” de Cintra, revisão particularmente robusta por utilizar uma rede de inquéritos densa e assentar não apenas em dados perceptivos mas também (e sobretudo) em dados acústicos.

Essa revisão, por sua vez, tem consequências significativas para questões exteriores à própria caracterização sincrónica da variedade do noroeste. As principais são, pelo menos, as seguintes:

- i. Fica verificada a existência de uma variedade profundamente idiossincrática que abrange a área de formação da língua. Qual é a base histórica da constituição dos traços característicos dessa variedade?
- ii. Qual foi, aliás, o desenvolvimento da variedade no português contemporâneo? Pode ter tido um incremento em tempos recentes? A verdade é que dialetólogos competentes como Cintra e Leite de Vasconcelos, utilizando dados anteriores aos nossos, apresentam uma distribuição muito mais restrita para as ditongações do que é patente nos nossos dados. Os dados de Cintra já vimos; os de Leite de Vasconcelos (1970: 79-80, 82 e 123-124): 1, identificam as ditongações com o Baixo Minho, embora também as atestem noutros lados; 2, apenas patenteiam RD1; e 3, não atestam ditongação da média-aberta posterior e, no caso da anterior, atestam ditongação com uma distribuição muito menos estendida do que a das médias-fechadas. Isto sugere um desenvolvimento positivo das ditongações do noroeste nas últimas décadas, o que parece ser contraditório à luz dum facto indesmentível: a crescente padronização do português no mesmo período, devido, sobretudo, à generalização da alfabetização e do uso dos *mass media*. Mas é preciso ter presente que está em causa o noroeste, uma região com uma personalidade linguística e etnográfica extremamente vincada que pode proporcionar o estabelecimento de um padrão linguístico muito eficiente contra o padrão mais geral da língua. Como refere Ferreira (1996: 22), “Dans l’aire occupée par le portugais septentrional, se détache la région de Porto et du littoral nord. Au contraire des zones rurales où les parlers locaux, devenus l’apanage des vieux et des moins instruits, tendent à s’émousser devant la norme, dans cet espace industriel très peuplé et dont le centre de rayonnement est la seconde ville du pays, le dialecte est transsocial, ayant acquis un statut de standard oral.”
- iii. A ditongação de /i/ no noroeste permite estipular um parentesco significativo com a variedade (também muito idiossincrática) madeirense, na medida em que um dos traços mais característicos desta variedade é a ditongação, em moldes análogos aos do noroeste, de /i/ (Cunha / Cintra, 1984: 19; Segura, 2013: 106-110).
- iv. A existência de RD2 no noroeste deixa patente que o português é uma das poucas línguas em que não ocorre ditongação apenas com [i] e [y], i.e. semivogais altas. Em RD2, o ditongo é tipicamente decrescente (Brissos / Rodrigues, 2016: 9); e estamos de facto em presença de um ditongo, pois trata-se de duas qualidades vocálicas bem diferentes (os dados acústicos mostram-no) numa mesma sílaba (nenhum falante da variedade silabará ‘pé’ em [pɛ ɐ], ‘Porto’ em [pɔ ɔr tu]).

Resulta portanto evidente que é necessário questionar e rever a classificação dialetal de Cintra a partir das ferramentas de análise e dos dados novos de que podemos dispor hoje em dia. O quadro que Cintra nos legou, apurado e de grande lucidez, tem talvez permanecido demasiado estanque, e pode, também, estar já desatualizado, pois a língua evolui inevitavelmente. Hoje, com *corpora* dialetais como o ALEPG — que está em fase de conclusão e que também faz parte do legado de Cintra, pois foi o professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa o principal impulsionador do projeto —, novas perspetivas se abrem que permitem rever não só a visão de conjunto dos dialetos portugueses mas também todas as questões extradialetais que sofrem impacto colateral a partir daí. O presente trabalho é um exemplo, mas outros anteriores também o são: e.g. Álvarez (2014 e 2015), onde se examina a validade das isófonas definidas por Cintra para os fenómenos que utiliza para caracterizar os principais grupos dialetais portugueses, ou Segura (2013), que, para além de não se limitar

à discriminação da variação fonética, propõe um novo fenómeno, a juntar aos definidos por Cintra, para definir a principal oposição dialetal portuguesa: área setentrional vs. área centro-meridional¹².

ANEXO

Apresentamos aqui a caracterização simplificada do sistema vocálico tónico do noroeste português a partir dos dados acústicos do AVOC. Os elementos que se seguem foram dados a lume pela primeira vez em Brissos / Rodrigues (2016), cuja inventariação extensa simplificamos para os propósitos que interessam ao presente trabalho.

O quadro A contém os valores Hertz médios dos primeiros dois formantes (respetivamente F1 e F2) das vogais e ditongos dos pontos de inquérito considerados. As figuras A a F sistematizam esses valores em cartas de formantes.

Explicações complementares sobre a leitura do quadro A:

- As vogais representadas com letra maiúscula são as vogais que podem ditongar sem contextualização em cada ponto de inquérito; considerando o conjunto dos pontos de inquérito, essas vogais são /Ê É Ó Ô/, que correspondem respetivamente a /e ε ɔ o/ do português padrão. Não se verifica a ditongação de todas essas vogais em todos os pontos de inquérito, pelo que existem vogais equivalentes representadas com a notação tradicional, i.e. minúsculas — são essas as vogais não ditongáveis acontextualmente, e por isso identificáveis com os fonemas do português padrão. Veja-se a justificação destas notações em Brissos / Rodrigues (2016, 9 ss.).
- Os valores dos formantes em cada coluna são dados pela ordem F1, F2. Por exemplo, se encontrarmos a sequência 500, 1500, temos que o F1 da vogal em questão = 500 Hz e o F2 = 1500 Hz.
- Na coluna “Tipo de ditongação”, RM = realização como monotongo e RD = realização como ditongo. RD1 e RD2 dizem respeito à ditongação de vogais médias etimológicas ou do padrão (/e ε ɔ o/); RD1 = realização ditongada de tipo 1, i.e. o tipo de realização em que o primeiro e o segundo timbres do ditongo permanecem no mesmo eixo articulatório (anterior no caso de /Ê É/, posterior no caso de /Ó Ô/); RD2 = realização ditongada de tipo 2, i.e. o tipo de realização em que o segundo timbre do ditongo não é produzido no eixo articulatório do primeiro timbre do ditongo, mas sim no eixo central (como nas realizações [eɛ̃ ẽɛ̃ ɔ̃ɔ̃ õõ]). Vejam-se mais pormenores acerca desta tipologia na secção 1 e na subsecção 2.2 atrás.
- As células de cada realização ditongada estão divididas em duas de modo a representar os dois timbres do ditongo.

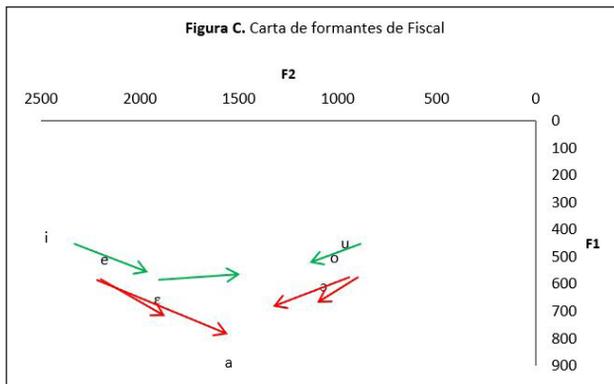
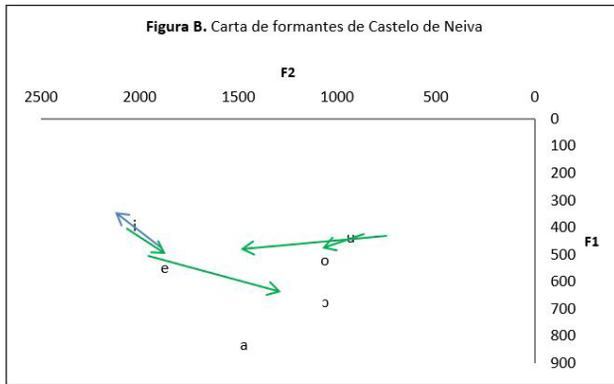
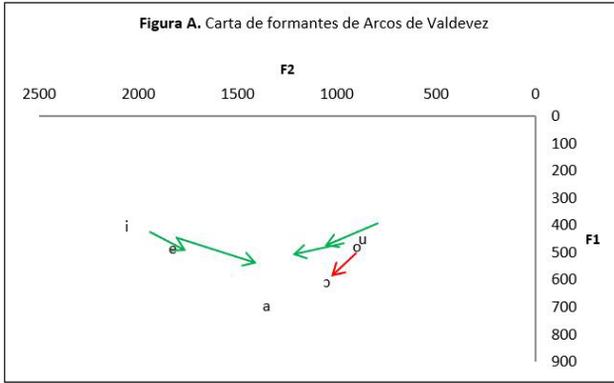
Explicações complementares sobre as figuras A-F:

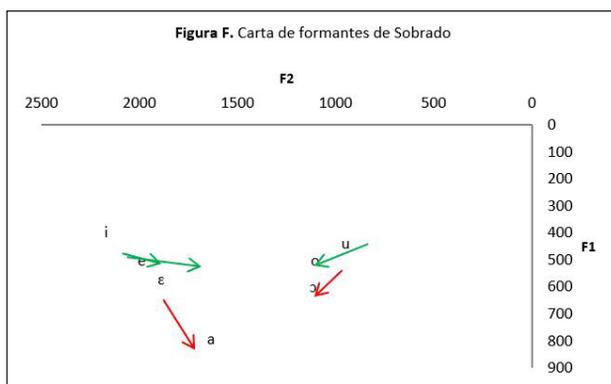
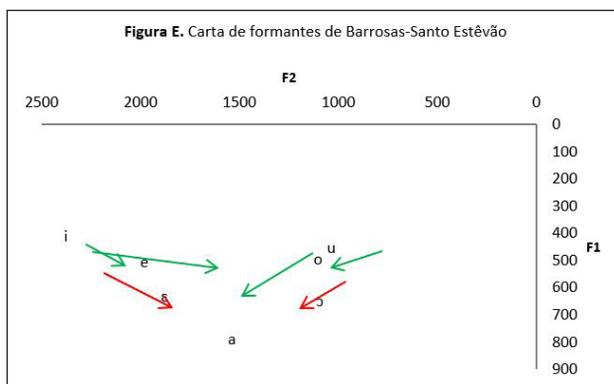
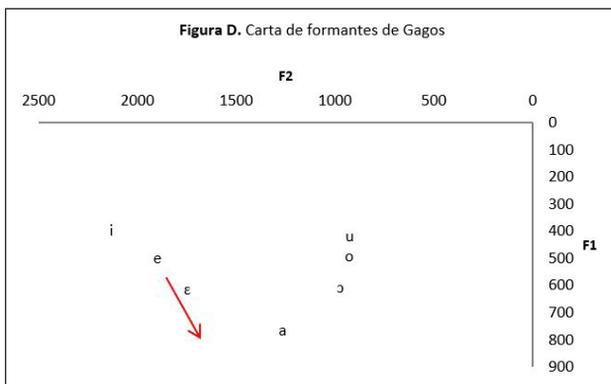
- Nas figuras A a F são apresentadas as cartas de formantes de cada ponto de inquérito.
- Os ditongos são representados com setas, indicando o ponto inicial da seta o primeiro timbre (o primeiro *tom*) do ditongo e o ponto final da seta o segundo timbre.
- As setas de cor verde indicam as realizações ditongadas das vogais médias-fechadas; as setas de cor vermelha indicam as realizações ditongadas das vogais médias-abertas; a seta azul que surge na carta de Castelo de Neiva indica a realização ditongada de /i/, exclusiva desse ponto de inquérito.

¹² O fenómeno proposto por Segura é a existência, nos dialetos portugueses não sulistas, de desenvolvimento, em fonética sintática, de semivogal palatal anti-hiática entre vogais centrais; e.g. [ɐ̃ ĩ ‘almã] ‘a alma’, [nɛ̃ ĩ ‘ayua] ‘na água’ (cf. Segura, 2013: 92-94).

Vogal	Tipo de realização	Ponto de inquérito											
		Arcos de Valdevez		Castelo de Neiva		Fiscal		Gagos		Barrosas-Santo Estêvão		Sobrado	
i	RM	404, 2060		391, 2026		428, 2475		394, 2133		409, 2379		396, 2171	
	RD	—	—	480, 1886	358, 2126	—	—	—	—	—	—	—	—
e	RM	—		—		—		497, 1900		—		—	
Ê	RM	484, 1828		547, 1874		509, 2180		—		505, 1982		502, 1989	
	RD1	449, 1950	511, 1764	410, 2065	500, 1870	459, 2334	553, 1960	—	—	439, 2276	519, 2073	482, 2074	511, 1891
	RD2	465, 1819	556, 1419	515, 1962	644, 1303	573, 1919	558, 1489	—	—	466, 2241	530, 1611	490, 2066	530, 1685
É	RM	—		—		654, 1913		611, 1749		630, 1881		571, 1890	
	RD1	—	—	—	—	580, 2198	709, 1876	573, 1861	802, 1690	546, 2191	675, 1845	—	—
	RD2	—	—	—	—	580, 2220	773, 1561	—	—	—	—	644, 1876	830, 1718
a	RM	694, 1355		829, 1473		887, 1552		762, 1266		788, 1539		792, 1636	
o	RM	—		674, 1060		—		606, 974		—		—	
Ó	RM	604, 1051		—		604, 1071		—		647, 1094		597, 1115	
	RD1	520, 923	595, 1050	—	—	570, 900	661, 1109	—	—	576, 977	680, 1214	538, 992	635, 1119
	RD2	—	—	—	—	573, 945	673, 1332	—	—	—	—	—	—
o	RM	—		—		—		490, 929		—		—	
Ô	RM	477, 900		519, 1063		501, 1018		—		493, 1104		499, 1105	
	RD1	419, 821	496, 1079	432, 889	484, 1094	448, 890	521, 1147	—	—	468, 806	525, 1061	456, 854	527, 1119
	RD2	487, 988	530, 1246	444, 773	487, 1489	—	—	—	—	472, 1131	630, 1503	—	—
u	RM	449, 871		436, 932		448, 963		417, 927		452, 1037		436, 950	

Quadro A. Vocalismo tónico do noroeste: valores Hertz médios de F1 e F2
(fonte: Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português)





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez Pérez, Xosé Afonso (2014): "European Portuguese dialectal features: a comparison with Cintra's proposal", *Journal of portuguese linguistics* 13(1), 29-62.
- Álvarez Pérez, Xosé Afonso (2015): "Isoglossas portuguesas nos materiais do Atlas Lingüístico de la Península Ibérica: análise crítica da Nova Proposta de Lindley Cintra", *Zeitschrift für romanische Philologie* 131(1), 185-223. DOI: 10.1515/zrp-2015-0008.
- Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português, página web: <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/538-avoc-acoustic-atlas-of-portuguese-stressed-vowels>.
- Atlas Linguarum Europae, página web internacional: <http://www.lingv.ro/ALE.html>.
- Atlas Linguarum Europae, página web portuguesa: <http://www.clul.ul.pt/en/research-teams/209-atlas-of-the-european-languages-ale>.
- Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza. Questionário lingüístico, 3 vols. (1974). Lisboa: Instituto de Linguística.
- Boléo, Manuel de Paiva / Maria Helena Santos Silva (1974): "O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal continental"", em Manuel de Paiva Boléo, *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I, t. I. Coimbra: Universidade de Coimbra, 309-352. (Primeira edição em 1962: *Boletim de filologia* XX, 85-112.)
- Brissos, Fernando / Rodrigues, Celeste (2016): "Vocalismo acentuado do Noroeste português – descrição acústica, variação dialectal e representação fonológica", *Revue romane* 51(1), 1-35. DOI: 10.1075/rro.51.1.01bri.
- Brissos, Fernando (2012): *Linguagem do sueste da Beira no tempo e no espaço*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Brissos, Fernando (2014): "New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels", *Journal of portuguese linguistics* 13(1), 63-115.
- Cintra, Luís Filipe Lindley (1983): "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", em Luís Filipe Lindley Cintra, *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 119-163. (Primeira publicação em 1971: *Boletim de filologia* XXII, 81-116.)
- Cunha, Celso / Luís Filipe Lindley Cintra (1984): *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Ferreira, Manuela Barros et al. (1996): "Variação linguística: perspectiva dialectológica", em Isabel Hub Faria et al. (orgs.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 479-502.
- Ferreira, Manuela Barros (1992): "Dialectologia da área galego-portuguesa", em *Atlas da língua portuguesa na história e no mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 30-38.
- Ferreira, Manuela Barros (1996): "Le domaine portugais", em *Atlas linguistique roman*, vol. I. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, 21-29.
- Gottschalk, Maria Filipa (1977): "Trabalhos preparatórios para o ALEPG", em *Actas del V Congreso Internacional de Estudios Lingüísticos del Mediterráneo*. Madrid: s.n., 573-578.
- Saramago, João (2006): "O Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)", *Estudis romànics* XXVIII, 281-298.
- Segura, Luísa / João Saramago (2001): "Variedades dialectais portuguesas", em *Caminhos do português*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 221-237.
- Segura, Luísa (2013): "Variedades dialetais do português europeu", em Eduardo Paiva Raposo et al. (orgs.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 85-142.
- Vasconcelos, José Leite de (1893): "Carta dialectologica do continente português", em Manuel A. Ferreira-Deusdado, *Chorographia de Portugal*. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.^{ia}, 15-16. – Separata (1897): *Mappa dialectologico do continente português*. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.^{ia}. – Reedição com alterações em José Leite de Vasconcelos (1929): *Opúsculos*, IV. Coimbra: Imprensa da Universidade, 791-796.
- Vasconcelos, José Leite de (1970): *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2.^a edição com aditamentos e correcções do autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcellos», por M^ª Adelaide Valle Cintra, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. (Primeira edição em 1901: Paris: Aillaud.)
- Vázquez Cuesta, Pilar / Maria Albertina Mendes da Luz (1980): "Estado actual do português na Península Ibérica", em Pilar Vázquez Cuesta / Maria Albertina Mendes da Luz, *Gramática da língua portuguesa*. Tradução, a partir da 3.^a edição corrigida e aumentada (1971), de Ana Maria Brito e Gabriela de Matos, Lisboa: Edições 70.